

A topographic map of Africa and surrounding regions, showing terrain elevation in shades of brown and orange, and water bodies in blue. The word "AFRICA" is visible on the continent.

margens

indomáveis

oficina de

poesia

&

geociências

apresentação

“Nosso conhecimento não era de estudar em livros.
Era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos.”

Manoel de Barros


Nessa oficina de poesia, buscamos costurar relações que têm a ver com aquilo que somos capazes de inventar como *potência de vida*. Para isso, trabalharemos com o poema e o território, e suas relações, de diversas formas: uma tentativa de ler os poemas como uma “escrita da terra”. O poema como espaço não só de grafar a terra, mas de inventar terras possíveis.

A oficina se pretende em 4 encontros, nos quais trabalharemos com a leitura de poemas e outros materiais, além de espaços participativos para mobilizarmos trocas afetivas, pela leitura dos poemas feitos a partir dos exercícios da oficina.

Nesses encontros, vamos experimentar os limites do poema e do território, e também tentar perceber o poema como um exercício de topografia ou relevo, através da percepção, em poemas escritos e falados, das diversas camadas que utilizam para construir sentido. Da poesia à paisagem, como o relevo molda e organiza a disposição da vida e formas sociais inscritas no espaço. Também trocaremos os entendimentos a respeito de (T)terra, território, espaço, e por aí vai.

Pode ser potente ler o território a partir da poesia, e ler a poesia, no território. Entender os limites do que é margem, centro e periferia de maneira situada, na arte e na vida. No texto e no espaço. E não seria o texto grafias da linguagem inscritas no espaço?

Em tempos tão sombrios, se faz urgente emergirmos a estima pelo experiencial, pelo tácito e pelo afetivo. A manifestação comum daquilo que nos permite ser - ao mesmo tempo - formas de vida subjetivas e coletivas: a condição de ser humano. O comum. Ser comum é como viver do lado de fora dos muros: para alguns, representa uma ameaça pois nos lembra da nossa origem primitiva. Para outros, nos lembra da nossa



origem primitiva e isso basta. A arte é uma forma de manifestação que pode ser, ao mesmo tempo, transcendência subjetiva e compartilhada. A arte permite habitar a realidade concreta ousando questionar os cânones e politizar o ordinário, aquilo que é comum. Parece ser mais sábio. Ampliar a noção da própria arte para incluir o cotidiano e o comunitário.

Sejam gorjeios

cantos

arpejos

slams

poesias ou

lampejos, parafraseando Manoel de Barros.

datas

07/08

**margens indomáveis:
limites do poema e do território**

14/08

**compartilhamento
e troca de ideias**

21/08

**topografia:
relevos e sentidos no poema**

28/08

**compartilhamento,
trocas e fechamento**

a oficina

Encontro 1:

margens indomáveis: limites do poema e do território

"Poema" é um nome que damos a muitas coisas diferentes. O motivo para chamar qualquer coisa de *poema* está longe de ser um ponto pacífico, se é que tem a chance (ou necessidade) de que seja assim um dia. São, de qualquer forma, coisas que parecem habitar com fluidez as margens e limites, sempre disponíveis a esbarrar em algum vizinho ou a trazer para dentro de sua estrutura uma forma ambígua e aberta de fazer-mundo.

Onde acaba um poema e começa uma narrativa, um documento, uma ilustração ou uma peça de arte sonora, por exemplo? E o que faz o poema, portanto, essa coisa de limites tênues, ao se debruçar sobre a terra, o território, a água ou a cidade?

No século XX, os movimentos de poesia concreta, por exemplo, são uma tentativa recente de trabalhar com as dimensões visuais e vocais dos poemas interligadas ao sentido verbal, não perdendo de vista um trânsito que já se cultivou mundo afora desde tradições ancestrais e sob variados formatos.

A proposta aqui, então, é também uma experimentação com os limites: como ler e escrever poemas junto ao que nos dizem as geociências? Existem relações espaciais e tensões de poder entre os elementos de um poema, como existem nos territórios? Onde estão os limites internos e externos dos poemas? Quais serão os centros e periferias dos poemas? Cada poema tem os seus? Como ler e escrever as margens, ou *nas* margens?

Encontro 2:

Compartilhamento dos poemas elaborados na atividade de casa + comentários

Encontro 3:

Topografia: relevos e sentidos no poema

Um poema carrega relações com a terra e os territórios, seja porque trata deles como temática ou porque quem o construiu habita o mundo a partir de um certo lugar, uma certa condição. Nesse sentido, vamos experimentar ler os poemas como uma “escrita da terra”. Como um espaço não só de *grafar* e de *ler* a terra, mas de *inventar* terras possíveis.

Além disso, o poema também constrói em si, no espaço textual, um relevo próprio. Algo como um *território textual*, com sentidos espaciais, simbólicos e sonoros, por exemplo: pela disposição visual do texto em seu suporte, pelas imagens e sentidos construídos, pelo ritmo e melodia do texto ou pela vocalização no caso de um poema falado, etc.

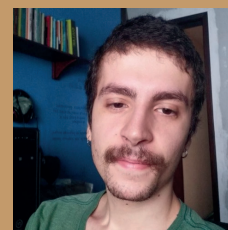
O convite aqui é perceber o poema como um exercício de *topografia* ou *relevo*, através da percepção, em poemas escritos e falados, das diversas camadas que utilizam para construir sentido e das relações que podemos estabelecer entre elas.

Encontro 4:

Compartilhamento dos poemas + comentários

oficineiros

Daniel Grimoni é poeta, artista, estudante de Letras pela UNIRIO e professor de Linguagens no pré-vestibular social Leonhard Euler. Publicou os livros de poesia *Todo (o) corpo agora* (2019) e *Bicho Bicho* (2020), este último em co-autoria. Faz parte da equipe editorial da Revista Tropel.



Talita Gantus é mineira, escritora, pesquisadora, geóloga, mestra e doutoranda em geociências. Professora de geografia no pré-vestibular social Lélia Gonzalez, publica crônicas e poesias em seu site pessoal <www.talitagantus.info> e é cofundadora e comunicadora da a_Ponte.